

O Pregão de S. Nicolau

Recitado por Luís Miguel Ferreira Oliveira Martins



O PREGÃO DE S. NICOLAU

Bando Escolástico

Proclamado nas ruas e praças da
velha Vimaranes pelo aluno

Luís Miguel Ferreira Oliveira Martins

e pelo Autor dedicado.

"Aos professores que fazem do
ensino uma força maior que o destino!"

Que a voz nicolina e sonora
Abale as penhas da alta montanha,
Forte como o raio, como a ave maviosa
(Apesar do briol que as goelas me arranha).

Cale a turba os ruídos mesquinhos
Para que soe a palavra nicolina
Ouvida por todos, até pelos mouquinhos,
Clara como a água ardente e cristalina.

De caixas e bombos cesse o vão fragor.
Manda a Tradição e o Pregão vai começar
À minha voz afeito pela pena de um autor
Que em contra-relógio o teve de lavar.

Calou! Os burros que nem portas
Escusam de escutar, E os fininhos
Se não querem ficar com as monas tortas
Não se armem, por favor, em espertinhos...

Calou! Que o Pregão é coisa séria,
E se às vezes é faceto, para rir,
Tal deve-se ao facto de a miséria
Só com gargalhada se poder punir.

Invoco os teus favores, ó bom Santo Nicolau.
Ajuda-me a "performance" como agora já se diz.
A minerva nada peço, porque num carro de pau
Constipou-se no Pinheiro e só funga do nariz...

E um subsídio peço aos mecenas da cidade,
Que agora está na moda pedir para a cultura,
Mostrar as "carências", apelar à caridade
E promover apoios a qualquer cavalgada.

Porque nós temos carências: o Pinheiro
É por bois puxado ainda, o "soft-ware"
Das Posses e Pregão não passa de berreiro,
E as Maçazinhas são o que Deus quiser...

E o bom S. Nicolau não tem computadores
A Senhora Aninhas não tem video-cassete,
Não é amplificado o som destes tambóres
E da terceira vaga só nós veio a camionete...

A nicolina festa é ainda feita à mão,
Glória artesanal de rural património,
À força de bombo, de garrafa e garrafão
Passeando no asfalto a rudeza dum camponio.

Mas assim é que é lindo, assim mesmo é que é festa.
E esteja o Pregão rouco e a caixa escangalhada,
Para ver a estudantada e ouvir esta palestra
O povo sai à rua (apesar de esburacada...).



Ó ruas da cidade, paraíso das toupeiras!
Por buracos que atracção, e por regos, cavidade!...
Escavando, resolvendo, em prospecções mineiras
Ou agricultando os cabos para as electricidades!

Nenhuma engenharia nos consegue explicar
Esse método exótico, esse mais puro díslate
Esse tapa que tapa para logo destapar
Em ânsias de procura talvez dum só alicate.

A vós, doridas ruas, dedico este Pregão.
Ruas do meu Povo, labirinto imenso
Que atravessa o tempo, geração em geração,
Ouvindo e sofrendo, guardando em silêncio
A memória da urbe, o pulsar das gentes,
Ingénuas alegrias, passeios de amantes,
O sol dos vagares, a pressa de frementes
Trabalhos e canseiras, e vaidades passantes.

Ruas que um Rei descalço percorreu,
Ruas por onde, como se não passasse,
A vida passa; por onde o povaréu
Levanta uma cidade com se ela não pesasse.

É na rua que o Pregão está em casa.
E de cima dum pescoço, na voz do pregoeiro,
Descasca e louva e corta na casaca
E com jovialidade julga o mundo inteiro.



Dos buracos já falei. Mês das regiões
Custa mais falar. São tantos os mapas
Que à regionalização prefiro uns bons rojões
Num grande sarrabulho acompanhando as papas.

Fugir, calar, não ver, parece o lema;
Cerrar, cerrar fileiras em torno do Castelo;
Fechar-se como um ovo e ser a gema:
Assim nos quer um bairrismo a contrapelo.

Nessa idade-média de umbigo no Tournal
A regionalização é fendo (com direito de pernada...)
Se a cidade se quer grande faça-se por tal
Tenha imaginação, não política pasmada.



Mas o Vitória é o grande tema, o futebol
Com universidade instalada no Martins
Em torno da cerveja ajuntando um alto escol
De atletas de bancada, de grão-mestres e meirins.

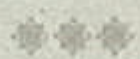
Com pimenta e cacau muito, e mais ainda
Pós de cobra e algum leite, a nossa equipa,
Se para nós é guloseima, coisa linda,
Ao adversário é menu de virar tripa.

O Vitória é um rapaz da família dos Vitórias
E dos Sport Clubes tem também umas costelas.
Com família tal não teme as vãs glórias
De Portos e Benficas, para ele bagatelas.

A tática é certa e o rasgo abundante:
Defende-se à defesa e ao ataque ataca.
No meio campo é médio — e num rompante
Desbarata o inimigo e redu-lo a uma caca

Pela Europa fora, nem que seja à canelada,
Disputa o resultado, defende taco a taco,
Manda pró galheiro, como um touro, a espanholada
Pró rafo que Sparta mandou o checoslovaco.

Quanto ao holandês não espera pela demora
E no dia dez cá na terra entre a maralha
Há-de com certeza conseguir limpa desforra
E o dique flamengo transformar em mera palha.



Antenas e calcantes cá não faltam, obrigado,
Já são mais os rádios do que as telefonias
As ondas engalpinham-se e o povo, espantado,
Vê nascerem Hertzis que nem molico nas rias.

E quanto aos calcantes, recobri-los com sapatos
Em Guimarães é fácil: salvo casas de pastéis
Nada mais abunda como lojas de chanatos
Com direito a joanetes, calos e cheiros cruéis.

Quando chega a auto-estrada à nossa Porta da Vila?
Porque ir daqui ao Porto, a qualquer lado ou vice-versa
Tem mais risco que passar entre Caribdis e Cila,
Mais demora que Ulisses a seguir a rota inversa.

E quando é que teremos uma casa da cultura?
Fafe já a tem, como tantas outras terras.
Mas Guimarães é lenta e se tem uma fartura
É de politiquices, de quezilias e vãs guerras.

Tantas associações mau sinal até serão
Se cada uma tenta conformar-se em capelinhas,
Tossicando conferência, bocejando exposição,
Esmolando o subsídio para a cera das alminhas.

Mas cultura vai havendo e um sector bem activo
É o das novas galerias, quase todas "galarías"...
Outro sector que prospera é o da música ao vivo
Em noites de fumaceira com ruidosas baterias.

De cabelo com gel e com ar arrelampado
Numa geleia encefálica o jovem lá se tortura:
E com decibeis ao vivo e um copo pendurado
Fica "in" e bem contente co'a pós-moderna cultura.

Crassa o desassossego entre as almas mais penadas.
Em pessoa não o leram mas no Eça dos Abranhos,
Dos Acácios, dos Salcedes, nas figuras contristadas
De vereadores de província e de jovens arreganhos.



E o mundo? Em torno de quê é que gira?
Em órbita do Sol ou dalgum buraco negro?
Que por vezes só há treva que ao desespero atira
Mas outras há tanta luz que só por isso me alegro.

São duas faces do mundo numa contínua porfia.
Uma faz negócio de armas, traz a fome, a crueldade,
Outra um zéfiro respira de saber e poesia.
Ambas são a cara e coroa duma só Humanidade.

Nada direi. Não dizer não é calar
Nem desistir, evasão.
Nada direi. Que por muito que falar
Dizer será repetição.

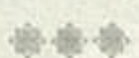


Não me esqueço, estou a tempo das donzelas
No Pregão enaltecer. Ao termo arcaico prefiro
O perfeito nome de mulheres. Porque são elas
A matriz e o ser que entre o mais mais admiro.
Meninas de cores garridas, raparigas coleantes
Me deixam tonto, confesso. Benditas essas tonturas...
Não precisam de aspirinas nem de mezinhas secantes,
Não são doença sequer, de muitos males são curas!



Uma palavra final para os Vinte e Cinco Anos
Da Associação de antigas estudantadas.
Parabéns aos sócios todos, juvenis ou já decanos,
Alunos que são agora da grã Torre dos Almadas.

Que o Velho Estudante é um santo filantropo:
Ele assiste à Tradição, ele cuida do ensino,
Ele come bacalhau, nunca se nega a um copo.
Bem merece Bodas d'alvo metal o mais fino.



Chegá! Basta! Tá! Com mega-fúria
É hora do massacre nesses bombos,
Que as caixas não fraquejem numa espúria
fronxidão dos membros e dos lombos!

É a hora! Trovejem os zabumbas,
Estremeçam pedras de Castelos e Muralhas,
Apavorem-se fantasmas por criptas e tumbas,
Quebre-se o verniz de vaidosos e canalhas!

Força! Chegou a minha hora de acabar.
Fiquem só os bombos e as caixas a cantar
Co'a certeza que o Pregão para o ano há-de voltar
E as eternas Nicolinas sempre e sempre hão-de ficar.

Carlos Poças Falcão
Nov. 86 - Festas Nicolinas
Guimarães